

A INSURGÊNCIA NECESSÁRIA!

As tarefas que se colocam a nós, socialistas revolucionários, para o próximo período, não são poucas. Vivemos hoje com a necessidade urgente de entender e acompanhar todos os recados dados pelas chamadas Jornadas de Junho, que levaram milhões de pessoas em manifestações por todo o Brasil. Esse processo, embora não dê início as lutas sociais no país, inegavelmente traz um novo vigor, pois marca definitivamente a retomada do movimento de massas no Brasil e balança mais uma vez as estruturas da velha ordem e da velha política. Além disso, com esse cenário, o ano de 2013 evidencia também a necessidade igualmente urgente do PSOL resgatar seu desafio histórico de superação do projeto do Partido dos Trabalhadores, e de toda a traição e capitulação que esse representa, e de se apresentar como alternativa de esquerda, diferente dos partidos da ordem e como ferramenta de organização socialista para a classe trabalhadora. Essas respostas devemos às ruas.

As ruas, inclusive, pautaram isso, já que, embora tenham seu estopim na luta pelo transporte público, somaram às suas reivindicações diversas outras pautas, entre elas a crítica aos partidos políticos e organizações representativas de trabalhadores, assim como de outros setores. É fato inegável que esse processo sofreu uma forte e real tentativa de apropriação da direita conservadora e fascista. Contudo, a atuação da direita nesses espaços não pode omitir a nossa necessidade de compreender que muitas das cobranças feitas pelas ruas a nós, são fruto de um descrédito ao modelo de organização política de esquerda latente no Brasil, geralmente verticalizado, vanguardista e dirigista. Além disso, o modelo de democracia representativa burguesa foi colocado em cheque pelo povo, que repudiou a política feita nos gabinetes e palacetes.

As Jornadas de Junho – Antes e depois

O cenário onde ocorrem essas manifestações é, em partes, o cotidiano. Os trabalhadores seguem oprimidos e explorados, vivendo em cidades projetadas apenas para a burguesia, com serviços básicos como a saúde e a educação cada vez mais precarizados e entregues ao capital privado. Enquanto isso, em contrapartida, a burguesia logra uma vida de luxos absurdos, podendo

aproveitar de serviços, desde básicos até de lazer, com padrões totalmente inalcançáveis para a maior parte da população. Além disso, a esse cotidiano são somados elementos especiais como a realização de um dos maiores eventos esportivos do mundo, a Copa do Mundo de Futebol, e todos os investimentos de recursos públicos para a construção de estádios e arenas elitizadas onde só terão assento os mais ricos. Para piorar ainda mais a situação e completar o pacote, o governo entrega as rédeas do país à FIFA, uma das organizações mais corruptas e conservadoras do mundo, que dita as regras do que pode e o que não pode antes mesmo da realização do Mundial. Como um verdadeiro capacho, nesse processo o governo promove, entre outras, a remoção de comunidades pobres para construção de estádios e demais artefatos necessários para as “cidades modelo”.

Somando ainda mais elementos ao cotidiano de terror dos trabalhadores, temos a obrigação de citar o estado policial em que vivemos, que vai muito além das repressões às manifestações de rua, esporádicas, inegavelmente, para se tornar diária e ininterrupta nas periferias das grandes cidades, onde as forças policiais prendem, torturam, matam e desaparecem conforme seu bel prazer. Esse estado policial ainda por cima, sob a forte pressão da FIFA, a qual o governo cede sem pestanejar, é especialmente intensificado ao redor dos estádios e em dias de jogos, como ocorreu na Copa das Confederações em 2013.

Contudo, apesar do ambiente de repressão e exploração, a retomada das lutas já vinha em uma crescente mesmo antes de 2013. Essa análise é inevitável ao repararmos o grande número de greves que ocorrem no ano 2012 em todo o Brasil, especialmente no funcionalismo público, quando trabalhadores resistiram às ameaças de corte de ponto e, em alguns casos, até às ameaças de intervenções das forças de repressão para que retomassem seus trabalhos. Essas greves são um marco exatamente quando o PT completa uma década no poder e seu suposto projeto de bem estar social e conciliação entre as classes apresenta importantes sinais de saturação, com a revolta das bases de diversos movimentos cooptados pelo partido no decorrer desses 10 anos. Esse processo, aliás, é evidente e inegavelmente animador também após as

Jornadas de Junho, quando grandes e importantes greves ocorrem mais uma vez no Brasil inteiro, com o conjunto dos trabalhadores não obedecendo aos mandos e desmandos de direções sindicais pelegas que tem entre suas principais tarefas blindar determinados governos e partidos políticos. Essas greves mais uma vez enfrentam duras ameaças do estado e não cedem, mostrando a força dos trabalhadores organizados e sua evidente resposta na vitória. Além disso, em anos anteriores muitas podem ser as lutas similares ao redor do mundo que poderíamos citar aqui, desenhando um cenário de revolta que vai muito além de nosso país e, inclusive, de nosso continente.

Com toda essa conjuntura, desde antes das Jornadas de Junho, mesmo que após uma análise rápida e rasa, era de se esperar que uma pauta, em regra bastante particular, como o transporte público, fosse a faísca para que a população passasse a questionar toda a ordem natural das coisas especialmente a partir das prioridades cada vez mais evidentes do sistema do Capital. Dessa forma, embora muitas fossem as manifestações que não colocassem em cheque o modelo de sociedade em que vivemos, é fundamental sabermos diagnosticar que as Jornadas de Junho foram a porta de entrada e o primeiro contato de muitos, entre eles parcelas significativas da juventude, com as contradições do capitalismo. Sendo assim, cabe a nós sabermos canalizar todos esses sentimentos de revolta, no horizonte da derrubada do Capital e na construção de uma nova sociedade. Cabe a nós, impulsionar as jornadas de junho de 2013 para a criação de uma nova geração de lutadores que tenham como objetivo central a construção do socialismo no Brasil.

Os desafios do PSOL

Contudo, participar desse processo em conjunto com aqueles que estão nas ruas não representa uma tarefa simples. Como já dito, a grande maioria da população possui significativa desconfiança com as organizações político-partidárias, quando não repulsa. Esse sentimento, embora traga, mesmo que informalmente, uma grande carga fascista em sua gênese, não pode e não deve ser condenado, já que não é fruto do acaso e sim de décadas e mais décadas de esvaziamento do debate político por parte dos partidos que se

revesaram no poder. Além desses, é importante destacar, organizações representativas como sindicatos reproduziram durante muito tempo essa prática esvaziada e dirigista, se distanciando de suas bases e perpetuando no poder a manutenção da ordem estabelecida e a blindagem ao governo entre outros confrades. A tudo isso soma-se também a própria prática dessas entidades, e também dos partidos da ordem, que calcam suas atuações no oportunismo duramente questionado e criticado pelas Jornadas de Junho. Com tudo isso colocado, fica mais que evidente a necessidade de não apenas estarmos nas ruas, somados às grandes mobilizações, mas também de sabermos em que marcos devemos atuar nesses espaços. As Jornadas de Junho reproduziram no Brasil um padrão organizativo recorrente em diversos processos de massa no decorrer da história e ao redor do mundo, tendo a espontaneidade e a ausência de uma direção dura e burocrática como uma de suas características mais latentes. É necessário e correto afirmar que nós, socialistas revolucionários organizados, não compartilhamos acordo com modelos organizativos autonomistas e espontaneístas. Pelo contrário, visualizamos nesses um erro, já que a ausência de um modelo organizativo mais nítido e palpável, com programa e instâncias, abre em absoluto as possibilidades para a distorção dos horizontes da luta e de seus marcos. Contudo, nossa intervenção nas ruas não pode reproduzir o modelo vigente, inclusive na esquerda, que se propõem enquanto vanguarda dos movimentos, considerando a possibilidade de construção desses espaços apenas enquanto direção. Nós, se queremos estar somados ao processo de massas, devemos saber atuar respeitando a horizontalidade das ruas e dos movimentos sociais, nos colocando enquanto ferramenta organizativa da classe, impulsionadora e motivadora de seus projetos. Apenas com essa postura, podemos almejar a construção de uma política de alianças com aqueles que tomam as ruas, e é lá, nesse importante espaço de atuação política, que se fazem as mais primordiais alianças.

Em paralelo a isso, internamente cabe a nós organizacionalmente darmos o exemplo pedagógico e evitarmos os atalhos. Nós, do PSOL, não podemos sequer cogitar abrir mãos de nossos princípios em troca de poder disputar as vias eleitorais pelo caminho mais fácil. O cenário eleitoral, por sinal, deve sim

ser um dos nossos meios de luta, mas não o nosso fim, e os marcos que devem pautar nossa participação nas eleições devem ser aqueles trazidos das ruas e não dos gabinetes. Nesse aspecto, é fundamental manifestarmos o grande passo atrás que o PSOL dá quando o autoritarismo de suas direções barra a tomada de decisões pela base e encaminha o partido conforme sua conveniência, abrindo mão de suas instâncias e dos espaços de debate internos. Um exemplo central disso é a não existência de um processo de prévias para escolher quem nos representará nas próximas eleições, mas, somado a esse, poderíamos citar diversas outras ocasiões nas quais as direções do partido encaminham suas próprias decisões e as executam em nome de todo o partido. Esses exemplos antidemocráticos, com certeza comprometem o PSOL interna e externamente.

Da mesma forma, cabe a nós repudiarmos e combatermos qualquer que seja a tentativa de construção de uma maioria interna do PSOL baseada em fraudes e autoritarismo e que não represente a base real do partido. É tarefa nossa construir alternativas para o personalismo que hoje reina e reivindicarmos a democracia real dentro do PSOL, com a valorização de todos os nossos lutadores. Para isso, um elemento fundamental é a necessidade de uma unidade programática – o que, por sua vez, só é possível com democracia interna e construção coletiva. Além disso, as eleições desse ano podem marcar definitivamente a entrada do PSOL no rol dos partidos da ordem, aqueles cujo crédito com a população está cada vez mais em baixa. Nossa tarefa, então, é apresentarmos o PSOL como real alternativa de esquerda, que questiona a ordem natural das coisas e discorda da lógica de que só pode ser assim. Precisamos primordialmente levar às vozes das ruas para a disputa eleitoral e aliar a luta institucional com os movimentos de massa. Precisamos reafirmar um partido que não trocará seu projeto por alianças com setores que não representam e tampouco defendem a classe trabalhadora. Por fim, cabe a nós estarmos presentes nas ruas, e não nos gabinetes, disputando as consciências e apontando que os marcos dessa crise civilizatória estão nas bases do capitalismo, e que só com a destruição desse será possível desmanchar a estrutura de exploração que hoje reina.

Insurgência Santa Maria, 2014